



EDUCAÇÃO EM SERVIÇO - TREINAMENTO PARA ALUNOS DO 4º ANO DE ENFERMAGEM

Maria Madalena Ferrari Crivari*

Maria Lúcia da Silva**

RESUMO:

"Relata o contato de acadêmicos de Enfermagem com o treinamento e reciclagem de uma equipe de funcionários da Enfermagem de um hospital geral, através de um projeto de extensão. Observamos que a participação nesse projeto reforçou áqueles a importância do papel educativo do enfermeiro e mostrou a necessidade de contatos freqüentes entre os mesmos e sua função educativa, para que, após formados, possam desenvolver a educação em serviço, principalmente junto a sua equipe de trabalho, com segurança.

ABSTRACT

The text narrates the contact of estudents of Nursing with the training and recyclin of a group of Nursing workers of a General Hospital, through a project of extension activities. It could be observed that the participation in the project reinforced the educative role of the nurse and proved the need of frequent contacs bewteen nurses and their educative function, so that, afther they graduate, they may develop in-service education, safely, especially with their work group.

Unitermos: Educação - Papel educativo do Enfermeiro

Key Works: Educacion - Nurseis educative function

INTRODUÇÃO:

O enfermeiro no decorrer de sua vida profissional desempenha papéis como: o assistencial, o administrativo e o educativo, relacionando-se com a equipe de trabalho, pacientes, família e comunidade. É o líder da equipe de enfermagem, e os membros que compõem esta equipe são os responsáveis pela assistência prestada ao paciente durante as vinte e quatro horas do dia. Realizar educação em serviço é interferir diretamente na melhoria da qualidade de serviço a ser oferecida ao cliente; além disso, o papel educativo do enfermeiro auxilia na estruturação dos demais papéis.

Para desempenhar esta função, o profissional precisa desenvolver uma característica importante que é a comunicação, essência para a concretização da interação que envolve um processo educativo. Como esse objetivo, a proposta foi realizar atividades de comunicação durante a disciplina de relações interpessoais, onde o acadêmico estava desenvolvendo estudos mais aprofundados acerca desse assunto.

* Enfermeira do setor de Educação Continuada do Hospital Evangélico de Londrina.

** Enfermeira docente da disciplina Relações Interpessoais, do Centro de Estudos Superiores de Londrina

Propôs-se colocar o acadêmico do 4º ano em contato com o treinamento e reciclagem de uma equipe de funcionários de Enfermagem de um hospital geral, fazendo com que essa participação fosse a mais próxima possível da realidade na qual após formados atuarão com suas equipes de trabalho.

Com esta proposta os alunos participaram de um projeto de extensão com os seguintes objetivos:

- Levantar temas básicos junto à população alvo.
- Priorizar os temas de acordo com as expectativas e necessidades do pessoal de Enfermagem.
- Elaborar o processo de treinamento.
- Executar o treinamento.
- Avaliar o processo vivenciado.

A partir desta atividade desenvolvida pelos alunos, elaborou-se este trabalho objetivando coletar dados que relatassem a percepção do aluno com relação ao processo vivenciado.

REVISÃO DE LITERATURA

CRIVARI (1990, p.18) entende "como de crucial valor o desenvolvimento de um processo educativo, contínuo, dinâmico, sistemático, envolvendo o trabalho durante o efetuar de suas atividades, valorizando suas experiências, sua história, seus sentimentos, seus conhecimentos e avaliando esse processo educativo, de forma também sistemática para o aproveitamento do mesmo".

VIEIRA et al apud PADILHA (1991, p.3) afirmam que a educação é essencialmente uma atividade humana de comunicação. Sendo um ser social o homem comunica-se com o fato relacionando-se. A educação significa todos os processos pelos quais o homem adquire compreensão do mundo, bem como aptidão para lidar com seus problemas.

PADILHA (1991, p.3) complementa que a educação em serviço é fundamental para uma tomada de consciência da necessidade de formação sistemática, programada de modo a atingir todos os níveis de pessoal, oferecendo a todos oportunidade de crescimento profissional e pessoal.

RODRIGUES (1984, p.129) ressalta que a educação em serviço, proporcionada de modo crítico e contrutivo, constitui o elemento fundamental para a transformação dos serviços de saúde.

CHAVES et al (1987, p.111) acreditam que os trabalhadores, depois que são selecionados, raramente estão prontos para um desempenho eficaz.

Até mesmo os empregados com longo tempo de serviço precisam de treinamento, pois este os ajuda a evitar a obsolescência e a desempenhar melhor suas atividades.

Ressalta também, que a educação em serviço em Enfermagem significa a aquisição progressiva de competência, que só será reconhecida à medida em que a



qualidade do cuidado se revela na totalidade da prática de assistência de Enfermagem.

Para CASTRO apud CRIVARI (1990, p.25) educação em serviço é um processo planejado, que se efetiva no ambiente de trabalho, visando o preparo do pessoal para facilitar a sua adaptação e o desenvolvimento das qualidades positivas que permitam o seu progresso.

CHAVES et al (1987, p.113) colocam que o treinamento serve como um processo de transformação quando empregados não treinados são transformados em trabalhadores capazes, pelo menos quanto ao aspecto de conhecimentos.

CRIVARI (1990, P.30) argumentos que a educação deve ser reciclada, e conseqüentemente, modernizada, opondo-se efetivamente aos dogmas da inércia, já que tem no seu bojo o dinamismo do cotidiano, do meio social inexoravelmente cíclico no qual está inserida.

O acadêmico de Enfermagem é um futuro profissional sendo por isso necessário ser treinado no seu processo educacional para o desempenho do seu papel educativo.

SOUSA (1985, p.320) afirma que o empenho por mudanças no ensino da Enfermagem decorre da necessidade de que a formação do enfermeiro deve ser ajustada às crescentes exigências de saúde da população com currículos adequados à realidade social.

BASTOS apud RODRIGUES (1984, p.131) admite que a necessidade de manter atualizado o pessoal da saúde torna-se evidente, ao mesmo tempo que se torna necessária a mudança no conteúdo da educação, que não pode mais restringir-se aos conhecimentos práticos puramente utilitários que serão ultrapassados rapidamente; deve ela permitir a cada um adquirir aptidões que facilitem adaptações às circunstâncias.

Para PADILHA (1991, p.33) o enfermeiro é um educador em qualquer campo de atuação, seja no ensino ou em serviço, e tal função é tão importante quanto a assistencial, administrativa ou científica, pois estas, sem a educação, deixam de ter significado. Portanto, a formação universitária deve ser fundamental para que o enfermeiro adquira uma visão educativa do seu trabalho perante a equipe, familiares e comunidade.

SOUZA (1985, p. 317) enfatiza que os problemas ligados à definição do papel do enfermeiro passa certamente pela compreensão, aprofundamento e aprimoramento das funções do supervisor, em que ele deve assumir integralmente as tarefas de capacitação dos serviços.

A OMS (1982) preconiza que o processo educativo, além de aumentar a eficiência da organização, aumenta a satisfação dos agentes do trabalho, e deve ser considerada um elemento essencial no processo da carreira a ser oferecido a cada trabalhador, individualmente, como um direito básico.

Um sistema adequado de educação, segundo a OMS apresenta as seguintes características: a) universalidade: deve ministrar educação a todos os membros de cada categoria de pessoal de saúde; b) deve ser baseada na análise das necessidades; c) deve ser seqüencial e progressiva durante toda a carreira do trabalhador; d) deve estimular a cooperação entre escola e serviço; e) deve estar estritamente relacionada com outros



sistemas de formação de recursos humanos de saúde em particular.

A aprendizagem deve estar relacionada à vivência do trabalhador. Os profissionais de uma maneira geral aproveitarão melhor as oportunidades quanto mais próximas elas forem das suas realidades e motivações.

RODRIGUES (1984, p.137) ressalta que o campo da medicina em geral, pela sua natureza, parece que é onde se tem adquirido maior experiência em educação. Complementa ainda que é por meio do papel de educador vinculado as suas experiências práticas, que os enfermeiros vão entender o significado dos novos conceitos e seu papel face a eles.

Coloca também que o profissional pode se tornar marginalizado não só pela ignorância dos avanços da ciência ou da sua prática como também pelo esquecimento dos conhecimentos adquiridos através da escola ou da prática; portanto, para operacionalizar um projeto inovador na área de saúde, é essencial a formação e reciclagem de recursos humanos.

Para SOUSA (1915, p.318) a prática de Enfermagem deve atuar de forma inovadora nas instituições e na comunidade proporcionando uma assistência integral que envolve simultaneamente o atendimento individual curativo com o aspecto social e preventivo. Deve também levar em conta suas relações interpessoais dentro da equipe de saúde onde vai prevalecer a competência técnica.

Acrescenta, ainda, que as rápidas transformações sociais e científicas requerem que a Enfermagem se adapte às crescentes exigências de saúde da população e crie elementos que tornem operacional o sistema de serviços da população.

Atualmente busca-se na área da saúde uma otimização do sistema, tornando-o efetivo e eficiente. Para tanto, todos os profissionais da área de saúde devem envolver-se com esta proposta, iniciando seus esforços numa atuação integrante.

Segundo CARRUF apud PADILHA (1991, p.35) o crescimento intelectual emocional depende das habilidades reais que se tem para estabelecer relações construtivas no sentido de obter-se a compreensão e a aquiescência de quem precisa de ajuda. Portanto, a prática pedagógica não pode ser desvinculada da assistencial para não se correr risco de formar-se enfermeiros sem uma visão ampla da saúde hospitalar e comunitária, coerente com a realidade.

METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido junto a 20 acadêmicos do curso de Enfermagem, que participaram do projeto de extensão intitulado - EDUCAÇÃO EM SERVIÇO - TREINAMENTO PARA ALUNOS DO 4º ANO DE ENFERMAGEM.

Esta atividade de extensão aconteceu durante o ano de 1994, em um hospital de médio porte, com aproximadamente 240 leitos, da cidade de Londrina no Estado do Paraná. Esse hospital serve como campo de estágio para o curso de Enfermagem de uma instituição particular de ensino superior também localizada na cidade de Londrina, Estado do Paraná.

Todos os alunos que cursavam o 4º ano deste curso participaram desta atividade. Totalizavam 20 alunos que foram divididos em 3 grupos de 6, 7 e 7 alunos,



respectivamente. A supervisão era feita pela professora da disciplina de relações interpessoais e pela enfermeira da educação continuada do hospital.

Esta atividade era realizada durante o horário de trabalho da equipe de Enfermagem do período vespertino por ser o horário menos atribulado de atividades hospitalares e desenvolvida geralmente na sala destinada ao lanche dos funcionários, por ser este o único local disponível nos setores.

O projeto de inserir o aluno de graduação em atividade de educação em serviço constava dos seguintes passos:

1. Os alunos reuniam-se com as supervisoras em uma sala do hospital, onde recebiam todas as orientações relativas à dinâmica da atividade. Nesta oportunidade cada participante escolhia seu setor de atuação entre unidades médico-cirúrgicas, maternidade, pediatria, berçário e hemodinâmica, de acordo com sua preferência e com a disponibilidade do hospital.

2. O aluno permaneceria no setor escolhido apresentado-se aos funcionários, explanando sobre os objetivos da educação em serviço, fornecendo detalhes sobre o projeto e coletando junto às equipes temas que poderiam ser abordados. Após seleção de todas as sugestões eram eleitos três assuntos considerados prioridades por todos.

3. De posse dos temas escolhidos, alunos e supervisores reuniam-se na biblioteca da faculdade para levantamento bibliográfico e as devidas orientações individuais, sobre como as palestras deveriam ser montadas e que recursos cada aluno poderia utilizar para facilitar o aprendizado da equipe acerca dos assuntos determinados.

4. A partir daí cada aluno passava a trabalhar os temas que deveriam ser apresentados, realizando estudos e organizando sua palestra por inteiro. Esta atividade era desenvolvida sob supervisão indireta, ou seja, o aluno só procurava o professor se houvesse necessidade.

5. Concluídas as palestras, eram realizadas novas reuniões (normalmente em três dias) onde cada estudante apresentava seus assuntos para os demais. Esta apresentação servia de treino para o aluno e de revisão ou aprendizado para os demais. Estes encontros antecederam em pelo menos uma semana os treinamentos com a equipe de Enfermagem, para que cada acadêmico pudesse realizar as alterações necessárias. Estas possíveis modificações eram sugeridas pelos supervisores e demais alunos ouvintes.

6. Com tudo acertado, os alunos dirigiam-se aos setores para a realização dos treinamentos. A equipe de Enfermagem de cada unidade era dividida em dupla; enquanto dois membros assistiam às palestras os demais prestavam assistência aos pacientes. Portanto, cada aluno repetia sua aula quantas vezes fossem necessárias de acordo com a disponibilidade e o número de funcionários de cada unidade. Este treinamento tinha a duração de três dias consecutivos, onde diariamente era abordado um tema diferente, gastando-se no máximo 40 minutos por apresentação.

7. Terminados os treinamentos, cada funcionário recebia uma folha de avaliação, onde seriam dadas notas variando de 0 a 10 nos seguintes itens: - relacionamento entre ele e o instrutor - recursos audiovisuais - tempo gasto pelo instrutor para expor o assunto - clareza e domínio do instrutor na exposição do assunto - local e

horário do treinamento - avaliação de como tinha sido sua aprendizagem e sugestões. Concomitante a isso os alunos também preenchiam um outro formulário contendo os mesmos itens em sistema de auto - avaliação. Ao final, os alunos recebiam o seu instrumento e o instrumento utilizado pelos funcionários para que pudessem comparar as notas dadas e as recebidas, percebendo a diferença entre como ele se viu e como foi visto enquanto instrutor.

Todo este processo foi repetido com cada grupo de alunos.

Para a coleta de dados desta pesquisa utilizou-se um formulário (anexo 1) contendo perguntas abertas e fechadas, referindo-se a experiência vivenciada no projeto.

A tabulação dos dados foi realizada através de números inteiros e porcentagem.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na discussão dos resultados será abordada a vivência dos alunos neste projeto.

Coletar estas informações é de grande importância para o progresso do trabalho desenvolvido, visto que educação em serviço é uma atividade inerente ao profissional enfermeiro.

Dos dezenove questionários distribuídos aos alunos, quatorze foram devolvidos e tiveram seus resultados tabulados e analisados.

TABELA 1

Distribuição dos alunos quanto à questão: "Você sentiu dificuldade no levantamento dos temas?"

Alternativas	nº de respostas	Porcentagem
Sim	1	7,14%
Não	13	92,86%
TOTAL	14	100,00%

Pela análise dos dados da tabela 1 pode-se observar que a maioria dos alunos 13 (92,86%) relataram não terem sentido dificuldades no levantamento dos temas e apenas 1 (7,14%) referiu ter encontrado dificuldades nesta etapa e alegou ter sido pelo desinteresse de alguns funcionários.

Este desinteresse demonstrado por uma pequena porcentagem de funcionários, também contribui para a experiência vivenciada pelo aluno, visto que ele teve que treinar sua capacidade de criatividade e motivação quanto à necessidade de aprimoramento técnico-científico pois, para PADILHA (4) - a educação em serviço não funciona se não houver o envolvimento participativo de toda a equipe no processo, demonstrando o quanto é importante o trabalho e o comprometimento conjunto, na obtenção dos resultados esperados.

TABELA 2

Distribuição dos alunos quanto à questão: "Você sentiu dificuldades na confecção das aulas?"

Alternativas	nº de respostas	Porcentagem
Sim	3	21,43%
Não	11	78,57%
TOTAL	14	100,00%

Os dados da Tabela 2 demonstram que apenas 3 (21,43%) dos alunos sentiram dificuldades na confecção das aulas, sendo que os motivos apresentados foram a falta de tempo para a elaboração das atividades e desconhecimento dos assuntos selecionados pelos funcionários. 11 (78,57%) dos entrevistados relatam não terem tido problemas na confecção das aulas.

TABELA 3

Distribuição dos alunos quanto à questão: "Você sentiu dificuldades na realização das aulas?"

Alternativas	nº de respostas	Porcentagem
Sim	2	14,28%
Não	12	85,72%
TOTAL	14	100,00%

A análise da Tabela 3 mostra que 12 (85,72%) dos acadêmicos referiram não terem encontrado obstáculos na realização do treinamento com os funcionários e 2 (14,28%) relataram que sim e afirmaram que esta era uma experiência muito nova para eles.

Para CHAVES et al (1) o treinamento de funcionários é imprescindível e deve-se sobrepor a qualquer dificuldade, considerando-se que quanto menos se treina o pessoal, mais intensamente é preciso supervisionar.

**TABELA 4**

Os dados da tabela 4 referem-se a questão. "Houve dificuldade no seu relacionamento com os funcionários?"

Alternativas	nº de respostas	Porcentagem
Sim	3	21,43%
Não	11	78,57%
TOTAL	14	100,00%

A análise dos dados da Tabela 4 demonstra que 11 (78,57%) dos alunos não tiveram problemas de relacionamento com os funcionários e 3 (21,43% referiram dificuldades de relacionamento alegando que alguns membros da equipe não demonstraram interesse nos treinamentos e outros reclamaram do local em que os trabalhos estavam sendo realizados.

Acredita-se que a necessidade de aprendizagem e aperfeiçoamento seja inerente à maioria dos seres humanos. Conforme SANTOS et al apud PADILHA a educação continuada é um processo contínuo e planejado que visa a propiciar ao homem ascensão pessoal e profissional.

TABELA 5

Distribuição dos alunos segundo a questão: "Você sentiu alguma dificuldade no relacionamento com os enfermeiros?"

Alternativas	nº de respostas	Porcentagem
Sim	1	7,14%
Não	13	92,86%
TOTAL	14	100,00%

Quanto à dificuldade de relacionamento com os enfermeiros 13 (92,86%) dos acadêmicos relataram que essa relação foi tranqüila, que os enfermeiros das unidades contribuíram para o bom andamento dos treinamentos colaborando e todos os aspectos; apenas 1 (7,14%) referiu problemas de entrosamento com o enfermeiro responsável pela unidade

TABELA 6

Distribuição dos alunos quanto à contribuição ou não do projeto na sua vida profissional

Alternativas	nº de respostas	Porcentagem
Sim	14	100,00%
Não	00	0,00%
TOTAL	14	100,00%

Todos os graduados 14 (100,00%) foram unânimes em afirmar que a participação neste projeto contribuirá para sua vida profissional.

Este tipo de atividade proporcionou resultados positivos na formação dos acadêmicos, e segundo PADILHA (4), os alunos do curso de graduação são futuros profissionais e se não obtiverem uma educação adequada ao presente, orientada ao futuro e que enfatize a reflexão, serão sempre rotineiros e jamais agentes de mudança.

TABELA 7

Distribuição dos alunos quanto a sua opinião sobre os aspectos positivos do projeto.

Alternativas	nº de respostas	Porcentagem
A participação no projeto forneceu subsídios para a futura vida profissional	4	21,05%
- A participação no projeto melhorou o relacionamento com enfermeiros e funcionários.	5	26,32%
- A participação no projeto ampliou os conhecimentos técnico-científicos.	5	26,32%
- A participação no projeto auxiliou no desenvolvimento da parte didática e educativa.	4	21,05%
- A participação no projeto forneceu oportunidade de aprimoramento.	1	5,26%
TOTAL	19	100,00%

OBS:- Os alunos deram mais que uma resposta a esta questão

Pelos dados desta tabela observa-se que a maioria 5 (26,32%) responderam que este projeto facilitou o relacionamento entre eles e os demais membros da equipe, e a



mesma proporção 5 (26,32%) referiram aperfeiçoamento no seu próprio conhecimento científico.

TABELA 8

Distribuição dos alunos quanto às críticas com relação ao projeto.

Alternativas	nº de respostas	Porcentagem
- Não há críticas quanto ao projeto.	10	62,50%
- Desenvolver o projeto em um período mais longo.	2	12,50%
- Local inadequado.	2	12,50%
- Maior participação do enfermeiro da unidade.	1	6,25%
- Falta de interesse de alguns funcionários.	1	6,25%
TOTAL	16	100,00%

A tabela 8 demonstra que 10 (62,50%) não fizeram críticas ao projeto, 2 (12,50%) sugeriram que todo o processo de desenvolvimento dos trabalhos fosse mais longo 2, (12,50%) que houvesse um local mais adequado para o treinamento e não sala de lanche, 1 (6,25%) que os enfermeiros participassem de forma mais efetiva incluindo uma ajuda na confecção e execução dos treinamentos e 2 (6,25%) que os funcionários fossem mais estimulados a participar através de melhoria no plano de cargos ou pagamento de horas extras.

A totalidade dos dados coletados reflete a importância da utilização de técnicas comunicativas pelo aluno, do exercício da criatividade, da motivação e da importância do planejamento participativo da equipe envolvida.

Considera-se que esta prática deva estar inserida no aprendizado do aluno, preparando-o para o desempenho de seu papel profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos resultados possibilita concluir que:

- A maior parte dos acadêmicos (92,68%) não sentiu dificuldades quanto ao levantamento dos temas.

- Apenas (21,43%) sentiram dificuldades na confecção das aulas.

- Doze alunos (85,72%) referiram não terem encontrado obstáculos na realização do treinamento e onze (78,57%) relataram não terem tido problemas de relacionamento com os funcionários.

- Somente 1 aluno (7,14%) colocou problemas de entrosamento com o enfermeiro responsável pela unidade.



- Todos foram unânimes em afirmar que a participação neste projeto contribuirá para sua vida profissional, citando como pontos positivos melhora no relacionamento com enfermeiros e funcionários, ampliação dos seus próprios conhecimentos técnico - científicos, fornecimento de subsídios para sua futura vida profissional - desenvolvimento dos aspectos didáticos e educativos, além da oportunidade de aprimoramento.

- A maioria 10 (62,50%) não fizeram nenhuma crítica ao projeto.

CRÍTICAS E SUGESTÕES FEITAS PELOS ACADÊMICOS

1. Desenvolver o projeto em um período mais longo.
2. Ministras as aulas em local mais apropriado.
3. Maior envolvimento e participação do enfermeiro da unidade.
4. Estimular a participação dos funcionários através de melhorias no plano de cargos e salários ou pagamento de horas extras.

Espera-se que a divulgação deste relato possa contribuir na implantação de novos projetos que ressaltem a importância do papel educativo do enfermeiro .

BIBLIOGRAFIA

- CHAVES, Enaura Helena Brandão e LIMA, Maria Alice Dias da Silva - Importância do Treinamento em Serviço - Relato de uma Experiência - Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, v.8 n.1, p.111-121, Jan 1987
- CRIVARI, Maria Madalena Ferrari. O Papel educativo do Enfermeiro: A Percepção de Auxiliares de Enfermagem de um Hospital Geral. Londrina, 1990. 77pgs. Monografia (Especialização em Enfermagem) - Universidade Estadual de Londrina.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE LA SALUD. Continuando la Education de los Tabajadores de salud: Princípios e guias para el desarrulo de un sistema. Genebra Organização Mundial de La Salud, 1982.
- PADILHA, Maria Itayara C.S. Análise Crítica das Causas de Integração e/ou Desintegração Docente - Assistencial na Enfermagem, Porto Alegre, v.12 n.1 p.33-37, Jan. 1991.
- PADILHA, Maria Itayara C.S. A Prática da Educação em Serviço em uma Instituição Privada. Rev. Esc. Enf. USP, São Paulo, v.25, n.1, p.3-16, Abr. 1991.
- RODRIGUES, Marie Azuma. Educação Continuada em Enfermagem de Saúde Pública, Rev. Esc. Enf. USP - São Paulo, v.18, n.2, p.129- 140, 1984.
- SOUSA, Maria Dalva P. de. Perspectiva quanto à Formação do Enfermeiro, Rev. Gaúcha de Enf. Porto Alegre, v.6, n.2, p.317-323 Jul. 1985.